CISION

Diário de Notícias

ID: 19202925

22-12-2007 | DN Gente

Tiragem: 60300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 4
Cores: Cor
Área: 27,87 x 35,34 cm²
Corte: 1 de 2

Letras. Através de uma carta que se descobre forjada, os escritores italianos Rita Monaldi e Francesco Sorti colocam em causa, em 'Secretum', o modo como a actual dinastia de Espanha chegou ao poder. Sempre polémicos, os autores editados em 45 países partem de fontes originais, para reescrever o que sempre foi dado como certo

"Vivemos numa época em que o leitor é o drogado da narrativa"

ISABEL LUCAS

A revista alemã *Stern* referia-se a este livro como "não recomendado a fãs de Dan Brown". Concordam?
Francesco Sordi – É verdade.
O que faz a diferença?
F. S. – Começámos antes de Dan Brown, com *Imprimatum*. Este é o segundo de sete romances que estamos a escrever. Três já estão escritos: *Imprimatum*, *Secretum*, *Veritas* – que será publicado em Portugal no próximo ano. Está na moda escrever a chamada história ficcional, mas começámos antes. O que fazemos é completamente diferente. Todos ficam admirados de passarmos tanto tempo em arquivos, livrarias, fazendo um trabalho árduo com os papéis originais. Esquecem que os autores do século passado trabalhavam como nós. Deveria ser normal passar muito tempo com os materiais antigos quando se escreve romance histórico.
Quer com isso dizer que falta investigação ao chamado romance histórico actual?
F. S. – Actualmente, muitos autores escrevem histórias com um pouco de sangue, sexo, amor, alguma aventura, mas se esquecermos as roupas, ou os cenários, aquilo poderia passar-se em qualquer país, em qualquer século. O que não muda é a mentalidade ou as personagens, a língua e os detalhes do quotidiano. Esta é a dificuldade de escrever um verdadeiro romance histórico: é preciso ser coerente. Nós seguimos a realidade ao detalhe. Quando o nosso alvo é uma personalidade muito conhecida construímo-la a partir das suas cartas; não a inventamos.
Onde fica, então, a liberdade inventiva?
F. S. – Só nas partes onde a História não nos diz nada, porque não temos cartas, não existem documentos, não há testemunhos. Aí inventa-se mas tudo terá, no mínimo, de ser possível. É preciso calcular o que pode ou não ser possível, construir um conjunto com fantasia mas com limites.
E o limite é a verdade histórica?
R. M. – Sim. E a credibilidade histórica. Isso dá muito trabalho. Se me pergunta sobre Dan Brown, ele é apenas uma expressão dos nossos tempos. Não queremos falar de autores em particular. O problema é a tendência...
E ser confundido com esse fenómeno?
F. S. – É um problema. Somos outra coisa.

> *Movemo-nos entre o romance histórico e um pouco de 'thriller' como encorajamento ao leitor. Entretenimento e não só*
>
> **Rita Monaldi**
> Escritora

Rita Monaldi – Toda a gente gosta de tensão, mas não é necessário (*mostra um recorte do* Corriere della Sera *sobre livros para serem lidos*). É uma polémica sobre o que deve ser obrigatório nestes livros. Vivemos numa época drogada, viciada, em que o leitor é o drogado da narrativa porque cada página deve ter qualquer coisa de muito emotivo. São livros para os transportar a outra dimensão, sem cuidado com a palavra, com o léxico, o estilo, que retiram a qualidade da narrativa, da ficção.
F. S. – O *thriller* não é um género elevado. É um género baixo. A tendência contemporânea da narrativa é um problema grave. Toda a literatura é vítima disto. Se não se segue esta corrente, é-se classificado como desinteressante, aborrecido, antiquado...
Mas também pode haver o preconceito do crítico que olha e pensa ver aqui mais um Dan Brown...
R. M. – Sim. É outro perigo. É uma confusão completa. Dan Brown não escreveu nenhum romance histórico. Esse é o nosso problema: movemo-nos entre o romance histórico e um pouco de *thriller* como encorajamento para o leitor. É entretenimento, mas não só. Se o leitor for paciente, se o crítico for cuidadoso, reconhece isso. Uma vez perguntaram-nos quais eram os críticos que mais detestávamos? São os que não leram o livro. E são os mais frequentes.
Os vossos livros assentam em factos reais, sempre polémicos: a intenção é mostrar que na História há muita coisa mal contada?
F. S. – Só vemos os factos. Observamos a evolução da História e concentrámo-nos num ano em que tivemos a impressão de que houve distorção dos factos, um desvio e concentramo-nos nesse ano e nesse facto. Por exemplo, em *Secretum* temos uma coisa muito simples: o rei de Espanha, que estava a morrer, disse que queria ter como herdeiro um dos seus parentes da casa de Habsburgo. Abrem o testamento e o herdeiro é Filipe de Anjou, um francês. É estranho! A nossa atenção foi motivada por esse evento e começámos a investigar. Os resultados são o que sabe. Não pretendemos descobrir escândalos. Não é esse o propósito. Se olhar um facto histórico e consultarmos documentos, se formos aos arquivos, não nos limitarmos aos livros escritos, começa-se do zero e reescreve-se a História em grande parte. ■

ORLANDO ALMEIDA

ORLANDO ALMEIDA

Stephen Frears vai adaptar um dos seus livros para cinema, com Ben Kingsley no elenco

CISION

Diário de Notícias

ID: 19202925

22-12-2007 | DN Gente

Tiragem: 60300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 27,64 x 36,04 cm²
Corte: 2 de 2

Rita Monaldi e Francesco Sorti: autores italianos que não conseguem ser editados em Itália

"Itália é um país que não ama verdadeiramente a liberdade"

ORLANDO ALMEIDA

O rei de Espanha ficou indignado com o que escreveram em 'Secretum', agora em Portugal

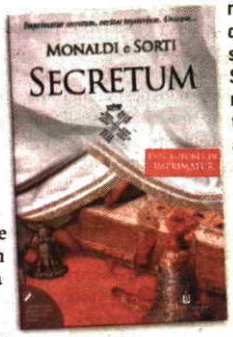
Como é que organizam o trabalho entre vós?
R. M. – Sem regras, sem divisões de tarefas, sem horários. Como vivemos, trabalhamos.
Os dois escrevem?
R. M. – Sim. Temos dois computadores e ao fim do dia trocamos o que escrevemos e o outro corrige. É um trabalho de equipa. Falamos.
Escrevem em italiano...
R. M. – Sim.
Mas não publicam em Itália...
R. M. – Não. Essa é a nossa cruz.
Foi uma decisão vossa?
R. M. – É quase irónico dizer que foi uma decisão nossa.
F. S. – Não foi uma decisão livre. Foi para salvar a vida.

> *Não estamos a fazer uma acusação política contra a monarquia espanhola. Estamos a falar de factos históricos*
>
> **Francesco Sordi**
> Escritor

Questão de vida ou morte?
R. M. – Podemos publicar em Itália, só que os jornais recusam falar de nós. Do nosso livro, da nossa história. Publicamos em 45 países. Em Itália os jornais não dizem uma palavra sobre nós e se um editor publicasse os nossos livros não poderia haver recensões, entrevistas. Os jornais funcionam como um bloco, fazem *blackout*.
Porquê?
F. S. – Porque o primeiro livro incomodou o mundo católico, o Vaticano. Mas tudo se agravou porque protestámos e decidimos que *Secretum* não seria publicado em Itália em protesto contra os media e o mundo editorial. Isso não foi aceite. O mundo das casas editoriais e dos jornais, que em Itália forma todo um conjunto, sobretudo porque Berlusconi é fortíssimo nos dois mundos: media e editorial... Não aceitaram que duas pessoas como nós, duas pessoas normais, tivessem o sucesso no estrangeiro sem a sua permissão. Itália é um país de pessoas muito individualistas, mas não ama verdadeiramente a liberdade, a liberdade individual.
R. M. – No mundo editorial há quatro pessoas. Não mais. Elas decidem tudo. Controlam desde o editorial à distribuição e muitas vezes à venda. Em Itália estamos condenados a não existir. Ninguém nos conhece. Recentemente, num documentário, um jornalista disse uma frase muito forte: o sistema editorial italiano é manobrado por estruturas mafiosas. E isso teve logo reacção das editoras. Não é uma paródia, é uma coisa muito séria. Antes dissessem que estamos a inventar tudo... Digam qualquer coisa, mas falem, ainda que falsamente.
Vivem em Itália?
R. M. – Não. Em Viena. Vamos a Roma de vez em quando. Sentimo-nos mal em Itália. Lá não existimos.
Há mágoa?
R. M. – Sim. Os nossos livros não saem na língua em que os escrevemos. Nós pensamos em italiano... Andamos com este manuscrito pelo mundo *(mostra um livro de folhas A4)*
Há possibilidade de a situação mudar?
F. S. – Talvez quando os filmes chegarem. *Primatum* e *Secretum* estão a ser adaptados e vão ser rodados. Stephen Frears será o realizador do primeiro filme e Ben Kingsley será o protagonista. Espero que isso ajude a mudar a mentalidade em Itália e vejam o quão ridículo isto é. É estúpido o que está acontecer. Para já os sinais não são bons. Para já não vemos qualquer oportunidade para mudar as coisas. Os italianos são muito espertos, individualistas, mas tivemos o fascismo, Mussolini... Há tendência para o individualismo, mas também para o controlo. Não escapamos a isso...
Esperavam que o livro fosse alvo de maior polémica em Espanha?
Não esperávamos que o rei de Espanha viesse dizer que o que está escrito em *Secretum* é falso. Não estamos a fazer uma acusação política contra a monarquia espanhola. Falamos de circunstâncias históricas; não questionamos a legitimidade política dos reis. Estamos a falar de factos históricos. Não nos interessa se houve polémica política. ■

NOVAS INTRIGAS NO VATICANO

'Secretum' é o segundo romance desta dupla editado em Portugal. Um 'thriller' sobre conspiração



O ano é 1700. Carlos II de Espanha está a morrer e não deixa herdeiros. Dá a entender a quem lhe está próximo que gostaria que lhe sucedesse um parente. Supreendentemente, quando o testamento é aberto, o trono de Espanha acaba por ser entregue a Filipe de Anjou, da casa de Bourbon, e não um Habsburgo. É o resultado da intriga levada a cabo por Atto Melani, espião de Luís XIV, que tem por missão influenciar a eleição do Papa e a sucessão do trono de Espanha. Este o foco de 'Secretum', o segundo de uma série que os autores pretendem ser de sete romances históricos.

perfis

RITA MONALDI

- Nasceu em 1966
- Licenciada em Filologia Clássica
- Especialista em História das Religiões
- Autora de três romances

FRANCESCO SORTI

- Nasceu em 1964
- Musicólogo, especialista no século XVII
- Produziu programas culturais para a RAI e Rádio Vaticano
- É autor de três romances